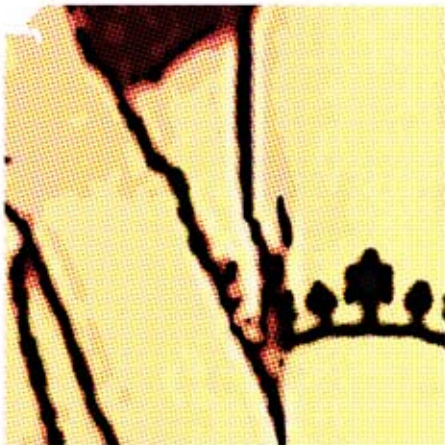




recontado por
ALEX OLIVEIRA

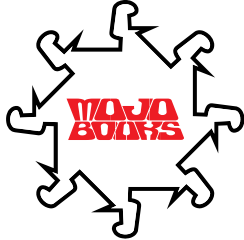
madonna
LIKE A PRAYER



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

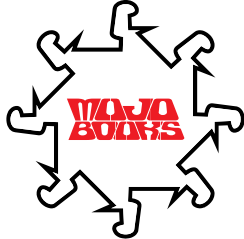
Danilo Corci
organizador



VOLUME 23

LIKE A PRAYER
madonna

recontado por **ALEX OLIVEIRA**



VOLUME 23

LIKE A PRAYER
madonna

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**


Mai de 2007

1.

O filho, no quarto, está absorto em pensamentos. A mãe, receosa, se olha no espelho. Um estalo: o pai passa com indiferença em direção ao banheiro. Na cozinha, o calor e o aroma do frango — a tia acredita que desta vez fará a coisa certa. A pequena Susy rabisca algo em seu caderninho enquanto sua irmã, aflita, fala ao telefone. Uma voz rouca quebra a rotina com um berro: o jantar está na mesa.



MOMENTOS ANTES DO JANTAR



As mãos passeiam por todo o corpo. Sensações inebriantes. Fez um pacto com o pecado, que agora cobra sua alma, sua integridade. “Fujamos então!” Uma proposta inusitada. Ele nunca foi tão honesto. Palavras que lhe trouxeram a convicção de estar ao lado da pessoa certa. Como se existisse a pessoa certa! O fato é que nunca havia sido desafiada antes. Não nesta vida, desta forma. Por um momento, ela esquece todas as convenções e se imagina bem longe dali... do cheiro sufocante exalado por eles, sua família e, oh céus!, de seus problemas. Sabe que não tem mais escolhas, escuta tudo o que dizem por aí — na verdade, até sente certa satisfação.

Ele chama cada vez mais seu nome, suas amarras afrouxam. “Matilde.” Fez um pacto com o pecado e esta noite cumpriria a cláusula principal.

* * *

Queima os dedos novamente. Um ritual diário no qual ela já não reconhece o seu papel. O comprometimento com aquela casa era apenas banalidade, como o tradicional assado do jantar e as inevitáveis sessões de terapia do sobrinho. De certa maneira, todo mundo busca reconhecimento, mas ela busca outra coisa: a atenção do cunhado. Não que ele deixasse de elogiar o “novo tempero” ou a disciplina exemplar das crianças. Tinha consciência de que ele encontra nela a dedicada esposa que sua irmã não era. Mas não tinha o essencial — ou o que ela tomava por essencial —: queria senti-lo, ser tocada, abusar da luxúria. Com uma certa mágoa, ela sabe que a irmã, Marta, nada mais é do que uma boneca naquela casa. Sempre se soube de seu desinteresse pelas questões familiares, pela a unidade do lar. Com um pequeno pesar, ela volta sua atenção pro que fazia bem: arrumar os pratos simetricamente, na seqüência os copos, testar o sabor do suco. Mas um vulto aparece e está palpitante. Ele envolve-a, toca seus lábios. Estão em casa.



* * *

Marta não lhe dava outra escolha a não ser a traição. Talvez fosse a única forma de chamar a atenção para o seu amor. Sabia estar desvirtuando o conceito, pois bastavam algumas atitudes e teria a mulher em seus braços. Mas não devia fazer concessões — não agora. Embarcara nessa aventura com a cunhada, talvez por pura obsessão, mas agora estavam unidos por algo ainda mais forte. “Fujamos então!” Aquelas palavras que lhe tiravam o sono. A mania de ouvir pelos cantos... Tinha se tornado um monstro, com a bebedeira constante e as sucessivas surras aplicadas na esposa. Talvez ela não merecesse tanto. Cada soco, cada murro e cada xingamento, como mero reflexo, voltavam pra ele de forma prazerosa. Mesmo sabendo de sua hipocrisia, ele tinha certeza de que sua esposa não devia ter feito aquilo, ela não poderia fugir. Ele era seu anjo libertador, o encarregado de mantê-la cativa. Tinha apenas algumas horas. “No meio da noite, perto da janela...” Ele estaria lá.



* * *

A pequena Susy deixa os desenhos de lado e se volta para aqueles “momentos estranhos em que parava pra pensar em coisas”. Minutos antes, o papai havia abraçado a titia do jeito que fazia com a mamãe. E não era a primeira vez. Outro pensamento que a preocupava: hoje, na novela, Marina — sua personagem predileta — chorava porque tinha sido abandonada pelo pai. Susy não queria chorar. Seria esse o motivo pelo qual mamãe sempre parecia triste? Susy foi jantar decidida a obter a resposta.

A irmã: “estou ferrada”. Um telefone é arremessado. A garota projeta violentamente seu corpo contra a cama. Ri de sua desgraça. Repudia seu ventre. Alguns minutos de silêncio são quebrados pelo irmão:

— O jantar... está pronto!

Ela o fulmina com um olhar. Enxuga o rosto e decide ir, afinal, está com fome.



2.

Marta tentou não mostrar muita euforia quando ouviu as batidas na porta. Ainda tinha mais uma cena a representar. “Temos visita?”, perguntam lá da cozinha. Correu em direção à porta:

— Mas quanta audácia, a sua — murmurou.

Ele devolve a falsa bronca com um sorriso irônico. Ela estava certa de que fugiriam esta noite. Passos vindos do quarto, e ela se vê entre os dois extremos de sua personalidade.

— Então veio pra mais um jantar? — outra ironia e ela estava centrada novamente.

Na verdade, nunca pensou ser capaz de manter essa trama de forma tão hábil. Ela conheceu o amante numa daquelas ocasiões, naquilo que alguns preferem chamar de destino. Ao contrário do que sempre foi romanceado, ele não era um cafajeste de aparência arrebatadora – mas viril o bastante pra fazer com que se esquecesse os numerosos mimos do marido. Não havia limites pros caprichos dele, que sempre parecera mais interessado em adúl-la do que em tratá-la como esposa. As óbvias jóias caríssimas e o fato de ele achar que poderia comprá-la a



satisfaziam. Ele não tinha mesmo limites! Era como se ela não tivesse um preço mensurável, a cada dia sua cotação aumentava. Quando despertou para o fato de que não era um mero objeto, passou a flertar com extremos. Podia ter tudo sem ser nada — o papel de mãe era fácil, descobriu depois — ou vice-e-versa, e passou a perseguir algo que seu marido não podia obter com cartões: um amante. O problema — e eles sempre existem! - veio na forma de afeição. Achou ele ali, todo tímido, naquele canto de mais uma daquelas festas enfadonhas, enquanto seu marido, bêbado, estaria provavelmente maquinando uma forma criativa de surrá-la horas depois. Decidiu arriscar e acabou mergulhando em sua presunção. Viu-se, de súbito, cativa daquela figura. Havia conquistado um homem e tomou isso como evolução. Sentiu-se mulher e agora só bastava fazer uma escolha. “Marta, você não vem?”



3.

Enquanto servia a sopa para Susy, Matilde não pôde deixar de notar o quão tensa estava Marta. Curvou-se diante da pequena com um sorriso suspeito. A garotinha também parecia perturbada. “Como ela pode fazer isto com você, minha pequena?” Tinha pena de todos naquela casa, subjugados aos caprichos egoístas da rival – a forma como passou a encará-la. Talvez por tudo isso — as crianças e a indisposição cada vez mais latente do marido... cunhado... como confundia! — resolveu trazer à tona o que estava oculto. Eles merecem perceber, de uma vez por todas, que ela é o motor daquele lar e, conseqüentemente, eles teriam de ser gratos por isso. Quem senão ela para lhes dar o malfadado comunicado e logo em seguida reconfortá-los? Não deixou de notar também que a mais velha estava silenciosa demais. Previu que a noite seria longa, e estava certa. Uma coxa de frango depois:

— Pai, mãe...




4.

Suspensa no ar, de sorriso aberto, uma garotinha encontra o que pensa ser o sentimento mais próximo da felicidade. Embora tivesse certo receio, bastou um sorriso dele para não hesitar — e já não desejava outra coisa. Por vezes confusa com afeição tão profunda, questionava se conseguiria gostar tanto da mãe quanto do pai. Observava as amiguinhas da escola, miniaturas de suas mães, e sentia-se estranha. Mas não ligava, nunca ligou, pois a distância entre elas parecia não ser tão ruim. Hora ou outra via sua mãe chorando pelos cantos, brigando com papai. Não se perdoava por achar que a mãe sempre era a culpada. Não se afeiçoava e teve certeza disso quando precisou confessar ao pai — e como ficou rubra! — a sua primeira noite. Cúmplices.

— Pai, mãe... estou grávida! — resolveu testar a cumplicidade.

O que viu: a tia, profética, dando um sorriso amarelo; o irmão submerso em pensamentos. A visita — o óbvio amante, sim, tinha flagrado a mãe em beijos tórridos! — continua a mastigar compulsivamente as batatas. A pequena Susy estava séria.





A mãe encenava: batia os talheres no prato, limpava os lábios e disparava rajadas de palavras agressivas pra depois começar um discurso moralista — aqui ela ensaiou uma ânsia de vômito, não como resultado da gravidez, mas como ironia ao gesto hipócrita. Sem dúvida, só temia uma única pessoa, e, ao tentar cruzar seu olhar num gesto rápido, teve, de todas as opções possíveis, o retorno menos desejável: a indiferença. Mas como? Óbvio que não queria ver copos sendo arremessados ou uma improvável surra de cinto. Mas papai mantinha-se calado e, pior, tenso. Parecia estar duelando num embate maior que aquele. O que poderia ser pior do que descobrir que sua garotinha fez uma grande besteira? E então, num gesto inesperado, ele começa a falar.

5.

Marta tentou escapar pelo vão da porta, mas teve a mão quase esmagada. Olhou para todas as cantos do quarto e tentou se proteger com o travesseiro. Sentiu uma dor aguda em um dos braços — talvez uma garrafa, não soube distinguir. Ele se aproximou, desferindo palavrões porcos. Ele ameaçou uma investida física. Ela chorou e apanhou. O rosto, já todo deformado pela maquiagem, nunca esteve tão lindo. Ele começou a chutar o guarda-roupas, a quebrar os vasos e, com o isqueiro, ameaçou incendiar suas roupas. “Ganharei outras mais caras” — um pensamento tolo. O espelho está em frangalhos. Do lado de fora: “Mãe!” (Oh, Susy, cale-se!). E aconteceu: um corte cirúrgico e ela finalmente conseguiu respirar.



6.

Sentiu o hálito quente. Após duas taças de licor, observava a iminência da tragédia com inveja, mas não antes de reparar como a irmã de Marta era atraente. Pensou em levar as duas consigo, mas desistiu da idéia ao perceber a tensão sexual entre ela e o cunhado.

Sentiu-se menos culpado, mas riu de si mesmo. Ver uma família à beira da destruição e ainda ter inveja disso era o passaporte para a loucura. Ficou excitado — céus, que belas curvas! Mastigou o assado com desejos tórridos, mas filosofou sobre a vida ingrata daquela família. Pensou: “como eu reagiria ao ver minha filha grávida?” Olhou para o filho mais velho de sua amante e sentiu um desejo paternal intenso. Poderia tirar de alguém algo que não possuía? Ainda não entendia por que o amigo não esboçara reação diante da confissão da filha. Que desse uma cintada! Um lampejo de raiva, que seja! Espantou-se com o discurso da amante, algo sobre moral e bons costumes. “Quando eu tinha a sua idade...” Imaginou a sedutora Marta aos quinze anos e não resistiu aos pensamentos carnis. Outra taça de licor e contorceu-se na cadeira.



7.

O marido propôs um desafio com um olhar.

— Vamos, Marta – diz.

Pra ele, a questão agora não se resumia à insatisfação dela com o casamento, do ódio recíproco. A gravidez da filha não poderia vir em melhor hora. Talvez o poupasse de uma atitude mais drástica, dramática, grave e suja. O embate psicológico, a questão da boa moral... sempre reprimia — e resolvia — os impulsos. Ela responde à altura, usando de retórica.

— Você só nos traz decepção, minha filha.

Recompôs o fôlego e esperou alguma atitude dele. Nada mais a prenderia àquela casa? Surpreendeu-se com a própria crueldade. A questão agora nem era o amante, que sabia ser frívolo, mas precisava de um motivo plausível.

— Vamos! Diga alguma coisa!

O timbre de voz surpreendeu, e Susy matou sua curiosidade. A tia sorriu: “Não poderia ter sido tão fácil!”



* * *

A mãe olhou para o pai, que olhou pra tia, que olhou para o amante. A filha levantou-se, lavou as mãos e foi pro quarto. O irmão, inquieto e nervoso, saiu batendo a porta. Susy percebeu ter dito uma besteira grande, fez cara de choro e correu pras suas bonecas.

8.

“Bem que eu desconfiava!” — “Do que Susy está falando?”
“Vocês não vão acreditar numa criança, por favor!” — “Mais licor?” — “Você é de onde mesmo?” — “Vai me dizer que não tinha percebido!” — “Fetiches? Oras...” Mãos, toque e pele. “E vocês nem provaram a minha salada!” — “Nem parecemos quatro adultos...”
Dor. Sexo, licor. “Marta, você não devia!” Sexo.



9.

“Papai lavava os pratos enquanto mamãe secava. A mana tentava dar banho na Susy, mas ela não parava quieta na banheira. Titia foi buscar o sorvete, está muito calor hoje! E mais tarde vai começar o ‘inferno’, como eles adoram dizer. Ganhei uma guitarra e a turma já tá chegando pra gente ensaiar! Penso que, às vezes, tudo poderia ser assim, menos complicado. Não sei por que, mas me sinto feliz.”

10.

Horas depois, começou a sangrar. O branco das pequenas cápsulas contrastava com o rubro, que agora estava por toda parte. O telefone insistia em tocar, e ao ver a irmã ali, pálida, os berros da pequena Susy fizeram coro com o estridente barulho telefônico.

* * *

Havia uma névoa fétida no quarto e ela ainda estava em êxtase. Que loucura acabara de cometer? Como pôde experimentar todas as formas de pecado de forma tão visceral? Estaria sendo penalizada por alguém? No júri da sua consciência, Matilde foi absolvida. Olhou para a outra cama — se foram. Ele, definitivamente, seria dela.



* * *

Nunca entendeu por que aquelas faixas o fascinavam. Diariamente todos passavam por elas, ignorando-as ou pensando saber seu significado. Como alguém que descobre aquele detalhe que havia passado despercebido, ele se entregou. Atravessa uma a uma, faixa a faixa, retumbante. E o sinal estava vermelho.

* * *

No carro, riam histericamente. O amante acelerava, simbolizando o pouco tempo que ainda restava. Marta só fez uma objeção, e o ambiente agora estava reconfortante. Pensou estar caminhando – de joelhos? – rumo à redenção. O marido, os filhos, a casa... comunhão, família. Tinha um acordo com o pecado, e agora pagava a sua parte.

– Padre...?

FIM



LIKE A PRAYER

SOBRE A CANTORA

Madonna nasceu em 1958. Vencedora de vários Grammys e Golden Globes, é também, entre outras coisas, compositora, cantora, dançarina, produtora, atriz, ícone da moda, a mais bem sucedida artista mulher de todos os tempos, provocadora política, sexual e religiosa. De uma infância pobre, transformou-se em um sucesso de mais de 200 milhões de discos vendidos. O ano de 1989 marcou a maturidade de sua carreira com o lançamento de Like a Prayer, apontado como um dos melhores discos de todos os tempos.

CRÉDITOS ORIGINAIS

LIKE A PRAYER - MADONNA

Design por Jeri Heiden e Margo Chase

Fotografia por Herb Ritts

Lançado em 21 de março de 1989

Selo: Sire Records, Warner Bros. Records, WEA International

Produzido por Madonna, Patrick Leonard, Stephen Bray e Prince

Para mais informações sobre a cantora, visite:

www.madonna.com



SOBRE O AUTOR

Alex Oliveira tem 20 anos, mora em São Paulo (SP), estuda jornalismo, lê muito e trabalha com comunicação visual. Cinéfilo e garimpador cultural, trafega pelas letras, sons e imagens com a mesma infinita curiosidade dos escolhidos. Como se não fosse o bastante, ainda acha tempo pra divagar sobre o universo pop no blog <http://www.retinapop.blogspot.com>.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.



23 LIKE A PRAYER

MADONNA

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. LIKE A PRAYER
2. EXPRESS YOURSELF
3. LOVE SONG
4. TILL DEATH DO US PART
5. PROMISE TO TRY
6. CHERISH
7. DEAR JESSIE
8. OH FATHER
9. KEEP IT TOGETHER
10. SPANISH EYES
11. ACT OF CONTRITION

